

UM POUCO DE MÚSICA

7. HAYDN E “AS ESTAÇÕES” (Hércio-Pupo Ribeiro)

Joseph Haydn (1732 – 1809) nunca perdeu durante a vida, o alto prestígio adquirido como musicista, mas lamentavelmente a posteridade demorou muito para reconhecer o mérito de suas obras (missas, sinfonias, concertos, música de câmara), tão belas quanto as mais famosas, não obstante comecem a ser melhor divulgadas e compreendidas atualmente. Os dois célebres oratórios, **A Criação** e **As Estações**, foram escritos ao longo de uma produtiva carreira musical, quando o consagrado compositor despendeu boa parte de sua atividade artística a serviço do culto e benquisto príncipe Nicolas Esterházy, de quem o músico recebeu a melhor acolhida durante a permanência em seu palácio, época em que lhe foram oferecidas todas as oportunidades para a prática da ópera, da sinfonia, da música sacra e de câmara.

Quando o príncipe Esterházy morreu, em 1791, Haydn, já então reconhecido e estimado, escreveu as apreciadas séries de Sinfonias de Londres, e quando de uma de suas visitas àquela cidade foi que travou conhecimento com os oratórios de Handel.

Retornando a Viena, conheceu um excêntrico e curioso personagem, tão esforçado literato quanto apaixonado libretista, o barão Van Swieten, homem alegre que reunia em seu solar os amigos e lhes oferecia música ilustrada por palestras e comentários elucidativos. Van Swieten foi o autor do texto de **A Criação**, servindo-se para tanto de uma adaptação de **O Paraíso Perdido**, de Milton. Quando o oratório foi estreado em 1798, com sucesso, o barão tentou convencer Haydn de que era necessário compor outra obra no gênero, e propôs um texto calcado em **As Estações**, do poeta escocês James Thomson, publicado entre 1726 e 1730. Haydn recusou imediatamente, dizendo: “estou velho, cansado e sem disposição”. Na verdade, o poema de Thomson lhe pareceu vazio, inconsistente, isento de força comunicadora. Por sua conta, o irrequieto barão introduzira três personagens simplórios do campo, que comentavam e descreviam às vezes com certa liberdade as estações do tempo: Joana, Lucas e Simão. Contudo, a baronesa insistência prosseguiu... e Haydn rendeu-se.

Trabalhou no oratório durante os anos de 1798 e 1801, de má vontade, resmungando a cada minuto que o trabalho de colocar em música as palavras de **As Estações** lhe estavam encurtando a vida. A estréia deu-se no dia 14 de abril de 1801, nos salões do castelo do príncipe

Schwarzenberg, em Viena. Quatro outras apresentações se deram em maio, com a imperatriz interpretando a parte do soprano.

Muito se tem discutido sobre a impropriedade ou não da expressão **oratório** aplicada a **As Estações**, em virtude da natureza não religiosa do seu sentido programático. Lembremo-nos, porém, que para Haydn a religião consistia na presença de Deus em todos os instantes da vida, no amor casto e ingênuo de Joana e Lucas e mesmo nas cenas de embriaguês da “Festa do Vinho”. Assim, o barão Van Swieten ensinou Haydn a convencer a Humanidade a acreditar que o nascer do sol é um ato divino, e que o milho, as maçãs e as nozes também são conseqüências do Criador. É muito embora Deus não seja freqüentemente invocado, o seu sublime significado é sugerido a cada instante e, no final, Ele é gloriosamente mostrado como a meta extrema da vida humana na terra, “pois é o guardião sagrado das montanhas onde os lavradores plantam para colher fartas messes”.

Não nos esqueçamos de que o compositor cresceu em um moinho da Croácia, passou muitos verões nas herdades dos Esterházy e não precisaria evocar o artificialismo francês de Maria Antonieta, tampouco lembrar os camponeses folgazões de Beethoven e Schubert. Bastava-lhe apenas ser autêntico como o foi.

Na atualidade, o sentido de **As Estações**, com o singelo comportamento de Joana, Lucas e Simão, nos parece inevitavelmente literário. Mas a sua música extraordinária, rica de conteúdo emocional, é tão empolgante como a que iremos ouvir nas composições de um seu ex-aluno, o indócil mas genial Beethoven. Há passagens de romântico lirismo e, por vezes, reflete aquela doce bonomia que é o sinete de consagração do extraordinário músico austríaco. Não se pode afirmar que a poderosa introdução orquestral nos lembre Beethoven, mas igualmente não se pode negar que daqui partiu o mestre de Bonn. A imponência das sonoridades em **fortíssimo**, as características pausas expectantes, a fluência temática e a ênfase das frases levam-nos irrecusavelmente ao processo composicional que o brilhante aluno aperfeiçoou na magnitude sinfônica da Quinta e da Coral.

O primeiro trecho importante de **A Primavera**, pertence ao coro quando anuncia “Vem, alegre Primavera!”, denotando nos primeiros compassos curiosa similaridade com um motivo popular brasileiro bem conhecido, a valsa “Oh, Minas Gerais”. No transcórrer, outro motivo melódico nos arrebatava: “Magnânimo Senhor, todo-poderoso!”. O **Verão** é apresentado pela introdução instrumental, em forma descritiva, sugerindo o amanhecer de um novo dia. No desenvolvimento, segue-se o “Canto de Louvor” pelo coro, que posteriormente canta, juntamente com o trio de solistas, o significativo tema de “As nuvens escuras se foram”. O furor da tempestade passou.

Novo prelúdio orquestral indica a mudança de estação. É o **Outono** que chega cheio de promessas, estuante de vida e alegria. Jubilosos, todos o recebem com entusiásticas saudações. Orgulhoso e ufano como sói ser o homem simples do campo, Simão entoa a sua ária apontando para longe: “Olhem para estes campos sem fim...” Não demora e Lucas mais o coro proclamam veementes: “ouçam os ruídos que ressoam da floresta”. Trompas vibrantes em toques sonoros anunciam a caçada. Então, atingimos o ponto alto da estação com a esfuziante “Festa do Vinho”. Exclamações calorosas descrevem o contentamento do povo e dão amostra da exuberante animação: “Viva, viva, o vinho chegou”. Aqui, Haydn retoma um tema anteriormente utilizado em 1791, no minueto da Sinfonia nº 94 (“Surpresa”), alterando-o magistralmente no entanto, no ritmo e no tratamento harmônico-contrapontístico. Por fim, após tanto júbilo, a dura realidade do **Inverno** rigoroso e frígido, que tolhe, intimida e amedronta. A natureza recolhe-se sob o gelo e aguarda. A introdução nos previne, pois sugere que “uma densa neblina anuncia a sua chegada”. Num recitativo qual presságio sombrio, Simão canta: “O ano modifica-se, empalidece e declina; névoas secas se espalham mansamente pelo ar”. Após a tempestade, a bonança sempre bem acolhida. Eis de volta a alegria sem conta. O sol ressurge e a luz que reanima e dá vida brilha outra vez. Todos cantam: Rendamos graças ao Senhor”. Os coros divididos, em vitoriosa apoteose explodem soberbamente: “Agora podemos entrar na majestade do Teu Reino. Amém !

(Do Jornal da Cidade, Bauru, 3/1/1982.)

*

8. ÓPERA SOBRE TEXTO DE BÜCHNER APRESENTADA EM PORTO ALEGRE

Em julho do corrente ano, no auditório da Assembléia Legislativa do Estado, em Porto Alegre, ocorreu a apresentação, pela primeira vez na América do Sul, da ópera alemã **Jakob Lenz**, de Wolfgang Rihm, baseada no livro homônimo de Georg Büchner. Um dos grandes sucessos da temporada alemã do ano passado, a ópera veio a Porto Alegre numa viagem patrocinada pelo governo da República Federal da Alemanha, em sua versão integral e absolutamente original, com um total de 44 intérpretes entre cantores, músicos e técnicos. Posteriormente, a obra foi apresentada também em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Jakob Lenz trata da permanência do poeta Lenz na casa do pastor Oberlin, montagem feita a partir da descrição do dramaturgo Georg